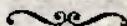


seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais frequentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição da morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual.

Druso, no entanto, a essa altura, foi chamado a outras linhas de ação, deixando-nos entregues aos nossos pensamentos.



## XX

## Comovente surpresa

Durante três anos estivemos quase que diariamente na «Mansão Paz», estudando lições preciosas e aprendendo a servir.

Ali, ao pé de Druso, na comunhão fraternal de Silas e junto de outros amigos prestimosos, re-colhemos experiências e apontamentos sublimes.

Em verdade, o sofrimento, naquele pousa castigado de extrema luta, era a nota constante em todas as direções.

Muitas vezes, a casa tremia nos alicerces sob convulsões magnéticas indescritíveis, noutras ocasiões, sob o ataque de legiões ferozes, assemelhava-se a fortaleza, em regime de sítio inquietante, que só a Misericórdia Divina poderia salvar.

Todavia, em quaisquer emergências, Druso convocava-nos a todos à oração e nossas preces nunca ficaram sem resposta. Suprimentos e recursos, diretrizes e bálsamos, fluíam invariavelmente dos Planos Superiores, amparando-nos a necessidade ou subtraindo-nos a indecisão.

O orientador da casa constituía para nós o mais elevado padrão de intangibilidade moral, não obstante a humildade com que pautava todas as atitudes.

Nunca lhe surpreendemos o mínimo gesto em desacordo com o nobre e extenso mandato de que dispunha. Sabia ser firme sem rispidez, justo sem parcialidade, bondoso sem fraqueza. Valorizava não apenas o conselho dos grandes Espíritos que nos

visitavam o Cenáculo, mas também os votos humildes dos miseráveis sofredores que nos batiam à porta. Mantinha amorosa reverência diante dos supervisores da Mansão, a cujos avisos atendia, presto, tanto quanto mostrava o melhor carinho no desvelo incessante em favor dos infelizes que nos rogavam concurso e entendimento. Desdobrava-se. Não se circunscrevia ao venerável mister do administrador central, a quem devíamos homenagem constante. Era o conselheiro devotado de todos os assessores, o médico dos internados, o mentor das expedições e o enfermeiro tolerante e simples, sempre que as circunstâncias o exigissem.

Contudo, onde lhe notávamos a mais impressionante assiduidade era justamente à cabeceira dos desditosos irmãos, recolhidos nos tenebrosos desfaleiros em que se situava a instituição.

Noite a noite, sempre que desejássemos, podíamos acompanhar-lhe os serviços magnéticos, junto de Silas, identificando criaturas infelizes que, a se desvairarem nas sombras, haviam perdido a noção de si mesmas, dementadas pela vicilação ou transtornadas pelo próprio desespero.

Era sempre doloroso encarar os companheiros disformes e irreconhecíveis que a flagelação mental ensandecera.

Por mais de uma vez, Hilário e eu desfizéramo-nos em pranto, à frente daquelas torvas fisionomias que o extremo desequilíbrio imobilizava em terrível prostração ou amotinava em crises de loucura.

Druso, porém, inclinava-se sobre todos os infelizes, com indeclinável ternura. Depois da oração costumeira, articulava operações magnéticas assistenciais e, logo após, com a devida segurança, interrogava os recém-recolhidos, enquanto fixávamos anotações diversas, atinentes à colaboração que nos cabia desenvolver.

Duas, três, quatro horas despendia ele, pessoalmente, cada noite, no trabalho socorrista que

considerava sagrado, sem que nenhum dos companheiros encontrasse a menor oportunidade de substituí-lo. À exceção dele, todos nos revezávamos na cooperação solicitada ou espontânea, no serviço de amparo e consulta aos irmãos que o mergulho indiscriminado nas sombras havia enlouquecido.

Foi assim que, certa noite para nós inesquecível, pobre mulher cadaverizada foi trazida pelos enfermeiros à sala de nossas atividades habituais para o socorro necessário.

O corpo seviciado, que imundos trapos mal cobriam, as mãos cujos dedos terminavam em forma de garras e o semblante completamente alterado por terrível hipertrofia falavam sem palavras dos longos tormentos de que fôra vítima.

Embora preliminarmente atendida pela enfermagem da Mansão, a infortunada criatura exalava nauseante bafo.

Druso, no entanto, qual acontecia noutros casos, afagava-lhe a fronte com paternal carinho.

Finda a prece com que assinalava o início da tarefa assistencial, começou a aplicação de passes, acordando-lhe as energias. Em seguida, notando que fundos gemidos se lhe exteriorizavam do peito, o abnegado amigo concentrou os seus potenciais de força magnética no cérebro da infeliz, que começou a mover-se, subitamente reanimada.

Via-se claramente que Druso interferia no córtex encefálico, incentivando-a ao necessário despertamento.

Foi então que a boca hirta, arrastada hipnoticamente à movimentação, descerrou-se, de leve, e gritou:

— Druso!... Druso!... compadece-te de mim!...

Surpreendidos, vimos o chefe da Mansão cambaralar, quase desfalecente, qual se fôra atingido a por invisíveis raios de angústia e morte. Mas a estupefação não o atingira tão sómente. Silas, fazendo-se lívido, avançou para ele, enlaçando-lhe o busto, como se lhe temesse a queda inevitável. —

Algo de estranho ocorria, cujo sentido, de pronto, não conseguíamos perceber.

Buscando dominar-se, o venerável diretor ergueu os olhos lúcidos para o Alto, em pranto mudo, invocando a inspiração divina, na linguagem da prece silenciosa em que a alma se comunica particularmente com Deus, e, após momentos rápidos, perguntou à infeliz:

— Irmã, que tens a dizer-nos?

A interpelada abriu os olhos que se lhe reviravam nas órbitas, sem qualquer expressão de lucidez e, parecendo temer a presença de inimigos ocultos, clamou triste:

— Tragam meu esposo!... Druso me perdoará... Estou cansada, vencida... Por amor de Deus, libertem-me!... Libertem-me!... Quero ar!... ar puro!... Não terei pago suficientemente o meu crime?... Não creio que Deus nos criasse para o inferno sem fim. Se errei, conscientemente, adquirindo grande culpa, não desconheço... que as minhas penas reparadoras... têm sido igualmente enormes!... Conduzam-me à presença de meu esposo... para que me ajoelhe... Druso retirare-me á do local dos réprobos... Compreenderá que não sou assim tão cruel, como querem que eu seja... Meu marido era sumamente bondoso, tratava-me como um pai!... Há quantos anos padego, ó Senhor!? Tu que curaste os leprosos e os endemoninhados, estende-me os braços de amor! Retira-me do inferno a que fui arrastada!... Ajuda-me, ó Cristo!... Deixa que eu recolha do esposo que humilhei o perdão de que necessito, para que a minha consciência possa orar com fervor!... O remorso é fogo que me consome!... Piedade!... Piedade!... Piedade!...

Ante o intervalo que se fizera espontâneo, vimos que o grande condutor jazia entregue a lágrimas copiosas.

Pela primeira vez aos nossos olhos, Silas interferiu no socorro magnético.

Embora o espanto que se lhe estampava na face, com a tácita aprovação do chefe que lhe cedia o lugar em silêncio, interrogou, preocupado e indeciso:

— Como te chamas?

— Aída... — foi a resposta que nos despertou mais acurada atenção.

O Assistente, contudo, no evidente propósito de obter mais informes, tão seguros quanto possível, continuou indagando em voz trêmula:

— Aída, se és a esposa de Druso, como nos fazes crer, não te recordas de mais alguém? De mais alguém que te partilhasse no mundo a vida no lar?

— Oh! sim... — retrucou a interlocutora com indizível carinho — lembro-me... lembro-me... Meu esposo trazia um filho das primeiras núpcias, um jovem médico de nome Silas...

E, dando-nos a conhecer a extrema fixação mental a que se ajustava, exclamou sussurrante:

— Onde está Silas que também não me ouve? A princípio... contrariava-se com a minha presença... Entretanto... com o tempo... tornou-se-me um filho do coração, condescendente amigo... Silas!... sim... sim... quem me faz recordar o passado?!

Agigantava-se-nos a constrangedora surpresa.

Ambos os socorristas caíram de joelhos, em pranto insofreável.

Num átimo, entendemos tudo, rememorando a noite inolvidável em que Silas algo nos falara de sua história comovente.

A pobre dementada era Aída, a madrasta sofredora.

Sómente agora percebíamos que o Instrutor e o Assistente haviam sido, entre os homens, pai e filho... Daí, a discreta intimidade com que se associavam, automaticamente, em todos os serviços.

Decerto — pensei —, haviam abraçado afiliva missão naquele perseguido instituto de caridade,

não apenas atendendo aos desencarnados infelizes, mas também com elevados objetivos do coração.

Entretanto, não consegui divagar muito tempo, de vez que Druso, num gesto enternecedor, re-colheu a infortunada criatura nos braços generosos e, genuflexo, após conchegá-la de encontro ao peito, exclamou para o Alto, com voz sumida em lágrimas:

— Obrigado, Senhor!... Os penitentes como eu encontram igualmente o seu dia de graças!... Agora que me devolves ao coração criminoso a companheira que envenenei no mundo, dá-me forças para que eu possa soerguê-la do abismo de sofrimento a que se precipitou por minha culpa!...

Notava-se-lhe o esforço para continuar clamando pela Compaixão Celeste, no entanto, os soluços embargaram-lhe de todo a voz, enquanto vasto jorro de safirina luz fluía do teto, como se a Infinita Bondade respondesse, de imediato, à co-movente súplica.

Silas, extremamente abatido, ajudou-o a levantar-se e ambos se afastaram, carregando consigo aquele trapo de mulher, com a solene emoção de quem havia conquistado precioso troféu.

Informados de que o serviço magnético não teria prosseguimento naquela noite, retirámo-nos para nosso aposento particular, confiando-nos ao estudo das nossas impressões.

No dia seguinte, entretanto, Silas veio ao nosso encontro.

Tocava-se da alegria misteriosa de quem solucionara um problema longamente sofrido. E, lembrando-nos o estudo da Lei de Causa e Efeito, explicou-se, rápido.

Druso e ele tinham sido pai e filho na existência última, e, tendo ambos recebido a necessária permissão para trabalhar em busca de Aída, cuja perda haviam provocado, devotavam-se ao serviço da Mansão, sob o beneplácito de amigos do Plano Superior. Ao preço de tremendas lutas na própria

recuperação, chegaram a conquistar amizades sólidas e experiências notáveis, contudo, a recordação da jovem sacrificada constituía-lhes envenenado acúleo nos refolhos do ser. Assim era que, para mais ampla elevação na Luz Infinita, necessitavamressarcir o infamante débito.

E acentuava, esperançoso, com ignota ventura a luzir-lhe no olhar:

— Dentro de três dias, meu pai deixará o encargo de orientador da instituição, alcançando-se, por fim, à companhia de minha mãe, para regressarem brevemente à reencarnaçāo que os espera, sob a guarda de alguns amigos nossos. Meu pai partirá primeiramente, pouco depois minha abnegada genitora o seguirá para a internação na carne e, mais tarde, quando se consorciarem na esfera dos homens, recolher-me-ão nos braços, na condição de primogênito, para que nós três venhamos a receber Aída, sofredora, em nossos corações. Conceder-nos-á Jesus a felicidade de resgatar a imensa dívida, com a assistência amorosa de minha mãe, que renunciou à alegria da ascensão imediata, em nosso benefício... Como podem observar, nós mesmos, segundo a Lei, buscamos a Justiça por nossas próprias mãos.

O Assistente mostrava na face o deslumbramento de uma criança feliz.

— E você? — perguntou Hilário, de chofre.

— Continuará você ainda aqui?

— Não — respondeu o companheiro generoso. — Com o afastamento de meu pai, obtive permissão para ingressar em grande educandário, no qual me habilitarei para as novas tarefas na medicina humana, com vistas à minha próxima romagem terrestre.

O comunicado alterava-nos o programa.

Convinha, de nossa parte, encerrar os estudos na generosa instituição, porquanto Druso e Silas, desde a primeira hora, haviam sido ali nosso apoio claro e fiel.

Abracei o Assistente, sentindo-lhe a falta por antecipação.

Silas era mais um amigo de quem me devia apartar.

Felicitei-o pela vitória alcançada e, com ele, consideramos igualmente o impositivo de nosso adeus.

A mudança administrativa na casa não nos encorajaria qualquer dilação.

Para nós também a partida fazia-se inadiável.

O denodado companheiro enlaçou-nos com irreprimível carinho e lágrimas de sublime reconhecimento jorraram-nos dos olhos.

Quem admitirá que a separação seja apenas uma flor triste na Terra dos homens?

Decorridos três dias sobre a nossa derradeira conversação, achávamo-nos no maior recinto do grande instituto de socorro espiritual.

O Instrutor e o Assistente despediam-se dos amigos.

O enorme salão estava repleto.

No largo estrado, em que se destacava a direção, Druso aparecia, ladeado pelo Instrutor Aranda, a quem passaria o governo do estabelecimento, e pela esposa querida, aquela que lhe ofertara no mundo os sonhos doces do primeiro matrimônio, cujos olhos serenos exprimiam irradiante bondade.

Outros benfeiteiros, incluindo o nosso caro Silas, ali também se encontravam, atenciosos e emocionados.

Na multidão dos ouvintes, estávamos nós, renteando com os assessores e funcionários do grande hospital-escola, ao pé de mais de trezentos internados.

Todos os enfermos, abrigados e servidores vinham trazer a Druso preciosos testemunhos de reconhecimento.

As manifestações comovedoras multiplicavam-se, incessantes.

Enquanto música leve nascia de instrumentos ocultos, espalhando-se em surdina, todos os doentes, em fila movimentada, queriam dizer uma palavra ao abnegado Instrutor que os acolhera, generoso.

Velinhos trêmulos abençoavam-lhe o nome, irmãos, cujo aspecto falava de laboriosa renovação, ofertavam-lhe as flores torturadas e tristes que o clima inquietante da Mansão era capaz de produzir, entidades diversas, recuperadas ao hábito de seu incansável devotamento, endereçavam-lhe expressões respeitosas e amigas, enquanto jovens inúmeros lhe osculavam as mãos...

Para todos possuía Druso uma frase de encantamento e carinho.

Choro discreto surgia aqui e ali...

Todos devíamos, ao mentor admirável, esclarecimento e esperança, energia e consolação.

O novo chefe, após a cerimônia simples da transmissão de responsabilidades, levantou-se e prometeu dirigir a casa com lealdade a Nosso Senhor Jesus-Cristo. Para falar a verdade, porém, não creio que o Instrutor Aranda, recém-chegado à casa, pudesse naquela hora atrair-nos mais dilatada atenção, e, tão logo se acomodou na poltrona que a solenidade lhe reservava, Druso ergueu-se e rogou permissão para orar à despedida.

Todas as frontes penderam silenciosas, enquanto a voz dele se elevou para o Infinito, à maneira de melodia emoldurada de lágrimas.

— Senhor Jesus! — clamou, humilde — neste instante em que te oferecemos o coração, deixa que nossa alma se incline, reverente, para agradecer-te as bênçãos de luz que a tua incomensurável bondade aqui nos concedeu em cinquenta anos de amor...

Tu, Mestre, que soergueste Lázaro do sepulcro, levantaste-me também das trevas para a alvorada

*remissora, lançando no inferno de minha culpa o orvalho de tua compaixão!...*

*Estendeste os braços magnânimos ao meu espírito mergulhado na lodoso corrente do crime.*

*Trouxeste-me do pelourinho do remorso para o serviço da esperança.*

*Reanimaste-me quando minhas forças desfaleciam...*

*Nos dias agoniados, foste o alimento de minhas ânsias; nas sendas mais escabrosas, eras, em tudo, o meu companheiro fiel.*

*Ensinaste-me, sem ruído, que sómente através da recuperação do respeito a mim mesmo, no pagamento de meus débitos, é que poderei empreender a reconquista de minha paz...*

*E confiaste-me, Senhor, o trabalho neste pouso restaurador, como assistência constante de tua benevolência infinita, a fim de que eu pudesse avançar das sombras da noite para o fulgor de novo dia!...*

*Agradeço-te, pois, os instrutores que me deste, a cuja devoção afetuosa tão pesado tenho sido, os companheiros generosos que tantas vezes me suportaram as exigências e os irmãos enfermos que tantos ensinamentos preciosos me trouxeram ao coração!...*

*E agora, Senhor, que a esfera dos homens me descerrará de novo as portas, acompanha-me, por acréscimo de misericórdia, com a graça de tua bênção.*

*Não permitas que o reconforto do mundo me faça esquecer-te e constrange-me ao convívio da humildade para que o orgulho me não sufoque.*

*Dá-me a luta edificante por mestra do meu resgate e não retires o teu olhar de sobre os meus passos, ainda que, para isso, deva ser o sofrimento constante a marca de meus dias.*

*E, se possível, deixa que os irmãos desta casa me amparem com os seus pensamentos em orações de auxílio, para que, no pedregoso caminho da rege-*

*neração de que cargo, não me canso de louvar-te o excelso amor para sempre!...*

Calou-se Druso, em pranto.

No recinto, choviam pequenos flocos luminescentes, à maneira de estrelas minúsculas que se desfaziam, de leve, em nos tocando a frente...

Lá fora, gritava a tempestade em convulsões terríveis.

Cá dentro, todavia, reinava em nós a certeza de que, além da faixa das trevas, o céu ilimitado resplendia eternamente em luz...

Reunimo-nos a Silas e, juntos, abeiramo-nos do abnegado Instrutor para as últimas saudações, porque também nós, Hilário e eu, deveríamos partir, já que a nossa tarefa estava encerrada.

Druso enlaçou-nos paternalmente e, talvez porque nos demorássemos no abraço carinhoso, tentando definir-lhe o nosso imenso afeto, pousou em nós o olhar, falando comovido:

— Deus nos abençoe, meus filhos!... Um dia, reencontrar-nos-emos de novo...

Com a voz embargada de emoção, beijamos-lhe a destra em profundo silêncio, porque sómente as lágrimas poderiam algo dizer de nossa gratidão e de nosso enternecimento, no adeus inesquecível...

FIM